

FINGIMENTO

José Blanco*

Em data de 27 de Novembro de 1938, Jorge de Sena – então um jovem poeta de 19 anos – escreveu um belíssimo soneto que só veio a ser postumamente publicado em 1985 em *Post-Scriptum II* e que começa “*Porque andarei contando pouco a pouco/ um Amor que não sinto e que não ganho?/ Calor que nunca tive e que não tenho/ nesta lagoa seca a pouco e pouco...*”. O título do soneto – “Fingimento” – de direta remissão à famosa “Autopsicografia”, publicada em 1932 na *Presença*, poderia ser pretexto para acrescentar mais algumas observações às muitas páginas já escritas sobre proximidades ou distâncias entre o “poeta-fingidor” e o “poeta do testemunho”. Isso ficará para outros, ou para outra ocasião. Trago agora a palavra “fingimento” para seu uso mais cotidiano porque quero deixar aqui uma prova de que Jorge de Sena, como homem, foi das pessoas mais corajosamente sinceras que conheci em toda a minha vida.

Em carta datada de 10 de Abril de 1978 – pouco menos de dois meses antes de a morte o levar – escrevia-me estas linhas:

“Em tempos, aludi eu a planos futuros, algo vagos, de que falara um dia. Não sei se virá ainda um dia a que eu chegue, para poder propôr alguma coisa, e a que, mesmo com as melhores esperanças, não creio que venha a chegar (nunca se sabe). A ideia era simples: pensava pedir à Fundação [Gulbenkian] um emprego que, daqui a um par de anos, permitisse que eu me reformasse para só escrever, sem morrer de fome mais a família, que é o que me sucederá, com tudo o que eu ganho, recebendo a reforma que a universidade me dará e não irá além de umas escassas centenas de dólares mensais. Mas, por agora, tudo isso se esfumou, em face das surpresas terríveis que a realidade e a vida nos reservam. Boas contas deita o preto... O caso – nu e cru, e é possível que já esteja a espalhar por aí a notícia, para tristeza de muitos a que sou gratíssimo, e alegria de outros que finalmente suporão triunfantes as suas mandingas e maus-olhados – é que se descobriu que eu tenho (e teria já há mais de um ano, pelo menos, sem que estes cavalos cardíacos, ao examinarem-me, olhassem para ali mesmo ali ao lado nas radiografias...) é um inoperável cancro dos pulmões, amplamente localizado para o lado direito, mas sob o esterno, também centro de passagem dos vasos que proíbem a operação. Perdeu-se um tempo precioso, é claro, a luta com rádio começou logo intensiva, etc, não sinto dores nem especial mal estar – mas, nestas coisas, tudo depende individualmente da pessoa e do seu cancro, sendo que esta última criatura é altamente individualizada e superiormente imprevisível. Quanto durarei? O mais

possível e razoavelmente, espero, e pode ser alguns poucos anos mais. Ou menos. Estou conformado – que outra coisa poderia estar? – embora sempre tivesse contado que, mesmo com o coração meio destruído que se refizera de maneira pasmosa para os médicos, teria mais tempo de vida, para fazer umas quantas coisas. E agora eis-me afanosamente a despachar o que tinha pendente.”

Só um espírito verdadeiramente superior e sem sombra de *fingimento* pode escrever o que acima revelo pela primeira vez, transcrito de uma das muitas cartas que tive o privilégio de receber do grande Poeta, que me honrou com a sua amizade.

* Trabalhou durante quarenta e três anos na Fundação Calouste Gulbenkian, de cujo Conselho de Administração foi membro desde 1974 até se jubilar em 2004. Desde 1983 vem realizando trabalhos de investigação e divulgação da obra do poeta Fernando Pessoa, em Portugal e no estrangeiro. Foi comissário das exposições pessoanas apresentadas, em 1985, em Paris e em Londres. É Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e *Honorary Fellow* do King's College, de Londres. Publicou várias obras sobre Fernando Pessoa, de que se destacam os dois volumes de *Pessoana. Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática* (Assírio & Alvim, Lisboa, 2008).